Estrutura social do Uaupés

JANET M. CHERNELA

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar um modelo coerente da estrutura social dos povos Tukano orientais que vivem na bacia do Rio Uaupés na Amazônia brasileira e colombiana.

Como ocorre com outros sistemas sociais da América do Sul não andina, no Uaupés não existem genealogias profundas (Murphy 1979). Entretanto, o sistema do Uaupés difere de muitos sistemas sul-americanos por ser altamente estruturado, sendo a unilinearidade um dos vários princípios estruturais integradores. Embora os sistemas sociais dessa região tenham sido chamados de segmentários (vide, por exemplo, Jackson 1974), o presente trabalho pretende mostrar que esse termo não consegue caracterizar o sistema de maneira acurada, e que, além do mais, ignora outros princípios organizatórios essenciais que fazem dele um sistema *sui generis*.

A pesquisa de campo na qual se baseia o trabalho foi levada a efeito entre 1978 e 1981 entre os Uanano do médio Uaupés, em território brasileiro. Entretanto, o foco não é simplesmente a estrutura social Uanano — embora ela forneça exemplos que são bastante utilizados como ilustrações —, mas a estrutura social mais abrangente do Uaupés, da qual os Uanano fazem parte.

Na primeira parte descreverei a estrutura social do Uaupés como um sistema de grupos de descendência verticais, exogâmicos e ordenados hierarquicamente e que são entrecortados por classes matrimoniais, de *status* horizontal, aqui chamadas "Classes de Geração" (por razões que ficarão claras no decorrer do trabalho).

Dentro do grupo de descendência, as relações são governadas pelo parentesco e se caracterizam por dominação e subordinação, enquanto que as relações entre grupos de descendência são governadas pelo casamento (real ou potencial) que pode ocorrer somente entre pessoas de *status* igual. Sublinhando todo o sistema estão os temas de irmandade e de idade relativa (mais velhos e mais novos).

Mais adiante relacionarei esta análise às de outros pesquisadores que têm trabalhado no Uaupés colombiano. Minha análise se afasta das deles por sua ênfase na hierarquia e nos elos horizontais entre grupos, ao invés de enfatizar a descendência *per se;* porém, espero poder demonstrar que essas diferenças mesmas confirmam o modelo. Por fim, irei comparar esta estrutura com os sistemas segmentários clássicos, a fim de destacar a combinação de propriedade que é particular às sociedades da área do Uaupés.

ESTRUTURA SOCIAL DO UAUPÉS

A *Fratria.* As regras, preferências e proibições de casamento determinam as relações entre grupos lingüísticos autônomos da bacia do Uaupés. Pode-se dizer que cada grupo lingüístico está numa posição de afim ou de agnata para com todos os demais grupos lingüísticos.

A distinção entre agnatas e afins é expressa na terminologia de parentesco, como veremos abaixo. Os grupos afins estão subdivididos naqueles com quem se criam alianças contínuas através do casamento prescritivo de primos cruzados e da troca de irmãs e naqueles que podem ser melhor descritos como "afins de afins" (vide Jackson 1977, Hugh-Jones 1979, Chernela 1982).

Onde existem proibições de casamento entre grupos, o sentimento de unidade é criado pela metáfora da irmandade. Assim, por exemplo, os Uanano são um de cinco grupos lingüísticos autônomos entre os quais são usados termos de parentesco agnático, e entre os quais é proibido o intercasamento. Na ausência deste, não há base para reciprocidade entre grupos lingüísticos, nem uma estrutura de obrigações formais que os ligue entre si, sendo mínimo o contato mútuo. Apesar da ideologia de irmandade, os cinco grupos não partilham um mesmo nome nem se referem a um ancestral comum. Portanto, este agrupamento tipo fratria não pode ser chamado de grupo de descendência verdadeiro. O grupo mais abrangente que pode ser assim chamado é o grupo lingüístico,

embora aqui também a metáfora dominante seja a de irmandade e não de filiação.

O Grupo Lingüístico. O grupo nominado de afiliação mais inclusivo é a unidade convencionalmente conhecida nas etnografias como "grupo lingüístico", ou tribo (vide Hugh-Jones 1979 e Goldman 1979 para uma comparação). Mesmo havendo exceções, o grupo lingüístico é uma unidade exogâmica cujo traço identificável mais saliente é a língua (tanto para os índios como para os observadores de fora). Dentre os grupos registrados na literatura figuram os Uanano, Tukano, Desano, Piatapuia, Bara, Cubeo, Barasana; estão entre os quinze ou vinte grupos lingüísticos (o número depende de definições de fronteiras grupais e da área total considerada) que são os componentes constituintes do sistema integrativo aqui descrito.

Em termos ideais, as aldeias de um grupo lingüístico formam uma unidade geográfica. No caso dos Uanano do lado brasileiro, suas dez aldeias estão distribuídas ao longo de um trecho de rio ininterrupto.

O grupo lingüístico é conceitualizado por seus membros como um grupo de agnatas que traçam descendência a partir de um conjunto de irmãos fundadores ancestrais, dentre os quais o Irmão Mais Velho fundador é o ascendente focal do grupo inteiro. Os irmãos e irmãs ancestrais são todos escalonados de acordo com a idade relativa, que é especificada nas tradições sobre a origem de cada sib, desse modo unindo todo o grupo lingüístico numa hierarquia abrangente.

O Sib. Os sibs são grupos de descendência nominados e localizados, cujos membros se consideram descendentes de um dos irmãos ancestrais que fundaram o grupo lingüístico. É o único grupo social do Uaupés cuja condição de membro é conceitualizada em termos de descendência. Fala-se do sib como sendo "os netos de um só homem". Não se guardam genealogias, sendo o sistema de nominação o que governa o pertencimento do grupo.

Poderia parecer que a condição de membro de um sib é automática, com base apenas na descendência patrilinear. Entretanto, num sentido jurídico, não se é membro de um sib até se receber o nome do sib, pois é somente recebendo esse nome que um indivíduo se torna "vivo" no sentido social. É-lhe dado o "fôlego" quando lhe é dado seu nome de sib e o fôlego, sua vida, é o sopro vital do ancestral do sib cujo nome ele toma. Através do nome, o ancestral outorga ao recipiente seu direito básico à vida social e a um lugar específico, além de um conjunto de privilégios dentro do grupo (econômicos,

rituais e sociais). Por sua vez, o recipiente deve a seu ancestral e a seu grupo social vivo a incumbência de honrar o seu nome e observar todas as responsabilidades que o acompanham.

Assim, a perpetuação da vida dos sibs (e a vida social individual) é alcançada por um processo de *troca*. Para um Uanano, aquele que toma o nome de um ancestral é "trocado" por esse ancestral: *Biali co?totaro* é a "troca" do ancestral Biali, sua encarnação no presente (*Co?totaro*, 'aquele trocado', vem da mesma raíz verbal que é usada para descrever outros tipos de troca, como, por exemplo, troca de irmãs). O ancestral e o descendente criam mutuamente a vida um do outro. Por meio do nome, o recipiente se torna um verdadeiro ser humano e social, enquanto o ancestral recebe uma encarnação viva, continuando, assim, sua vida na sociedade.

Os nomes são propriedade dos sibs, cada um dos quais é dono de um conjunto limitado de nomes a ele específicos que não podem ser usados pelos membros de nenhum outro sib (embora *dentro* de um sib possa haver mais de uma pessoa com o mesmo nome simultaneamente). O filho primogênito masculino recebe o nome de seu avô (que o recebeu de seu próprio avô, etc.). Os filhos que se seguem podem receber qualquer um dos nomes pertencentes aos irmãos mais novos do avô (ancestral). Assim como os irmãos, ancestrais ou vivos, são sempre hierarquizados de acordo com a idade relativa, também os nomes o são, cada um contendo uma conotação inerente e invariável de hierarquia. O nome não reflete apenas o lugar de alguém na hierarquia, mas também o legitima. Desse modo, um chefe, o primogênito (do primogênito, etc.) do Primogênito recebe um nome de Primogênito, estabelecendo, assim, sua posição na hierarquia.

Para a estrutura social são cruciais as conseqüências dessas crenças e práticas. Devido ao princípio da troca que cria ciclos de nomes hierárquicos através das gerações, o tempo é efetivamente eliminado do sistema, de tal maneira que o sistema social se auto-replica em cada geração. Está claro que isto é muito diferente do modelo segmentário clássico.

A Questão da Linhagem. Novamente em contraste com o sistema segmentário, é o sib — o grupo dono de nomes — e não a linhagem, que é a unidade fundamental da sociedade Uanano. Quando segmentos *de fato* surgem dos sibs, como no caso de cisão de um sib local, é negada uma nova identidade ao grupo dissidente. A frase utilizada para descrever o sib, literalmente "os netos de um só homem", poderia ser

aplicada logicamente a uma unidade menor que o sib; no entanto, essa expressão é considerada absolutamente imprópria para unidades abaixo do nível do sib e seu uso nesse contexto é ofensivo e anti-social. Para os Uanano, os subsegmentos do sib são como células indesejáveis: surgem apenas em épocas difíceis e ameaçam a unidade do grupo.

SISTEMAS DE NOMENCLATURA

Como outros grupos do Uaupés, os Uanano têm uma terminologia de parentesco dravidiana em concordância com a estrutura de descendência patrilinear e de casamento com primos cruzados. O "próprio grupo" (agnatas) é terminologicamente separado do "outro grupo" (afins). Note-se, também, que a terminologia tem profundidade de apenas três gerações, isto é, não existem termos especiais para os parentes da quarta geração ascendente ou descendente.

Não há distinção de graus de colateralidade na terminologia, porém, os parentes colaterais são diferenciados de acordo com a idade relativa. Por exemplo, entre os Uanano, todos os irmãos e irmãs de ego e do pai de ego estão divididos em "mais velho" e "mais novo". A regra que opera aí é a de que o primogênito tem ascendência sobre o segundo filho, e assim por diante, e que os *descendentes* dos ancestrais primogênitos têm ascendência sobre os descendentes dos ancestrais que nasceram depois do mais velho. Portanto, a base da terminologia é a ascendência herdada e não a idade real.

Por este sistema, os membros dos grupos consangüíneos, tanto a nível de grupo lingüístico como a nível de sib, estão hierarquizados entre si, os mais velhos estando na hierarquia mais alta. A ordem de ascendência é fixa e é constantemente reiterada nos termos vocativos obrigatórios usados pelos agnatas em saudações; quando estes se encontram, devem saudar-se, utlizando termos de parentesco que refletem, necessariamente, o *status* relativo dos falantes (como, por exemplo, Irmão Mais Velho, Irmão Mais Novo).

Classes de Geração. Além da terminologia de parentesco agnático, utilizada entre indivíduos e grupos de um mesmo estrato de grupo lingüístico, há um segundo sistema de classificação que utiliza a nomenclatura de geração para indicar distância hierárquica. Na falta de um termo melhor, chamarei esse sistema de Classes de Geração.

A terminologia de Classe de Geração é usada de dois modos: de um lado, serve como um esquema classificatório

no qual todos os sibs de um grupo lingüístico são classificados, como *grupos*, em "Netos", "Tios" e "Avós". Esses grupos são hierarquizados; o interessante é que os "Netos" ocupam a posição mais alta da hierarquia, os "Tios" estão no meio e os "Avós" no fundo da escala. De acordo com este esquema, cada sib de uma área tem um *status* absoluto, de modo que qualquer outro sib pode dizer, por exemplo, "Eles são Avós".

Dentro do grupo de descendência, este esquema classificatório está também ligado a um sistema de referência e vocativo com cinco termos de geração que são aplicados reciprocamente pelos três estratos, da seguinte maneira (para exemplificar, são dadas apenas as formas masculinas):

	Classe do receptor do vocativo		
Classe de Geração do falante:	Neto	Tio	Avô
Neto	Irmão	Tio	Avô
Tio	Sobrinho	Irmão	Tio
Avô	Neto	Sobrinho	Irmão

O conceito de Classes de Geração estrutura as relações, tanto dentro como entre grupos (lingüísticos) de descendência. Dentro do grupo lingüístico, as relações da Classe de Geração estão baseadas em dominação/subordinação. Entre grupos lingüísticos, elas se baseiam na equivalência.

Dentro do grupo lingüístico, o conceito de Classe de Geração pode estruturar uma ampla faixa de comportamentos e expectativas, tanto econômicos como simbólicos, como demonstra o caso que se segue.

Um Caso de Relações em Pares de Classes de Geração na Prática. O povo Uanano, com 1.600 pessoas, está dividido em vinte e cinco sibs, sendo que cada sib possui um repertório específico de tradições orais relacionados com o seu ancestral fundador, além do sufixo-*pona,* que significa "filhos de". Esses vinte e cinco sibs estão dispostos numa ordem que vai de um a vinte e cinco. Os dez primeiros sibs são conhecidos coletivamente como os *Wamisima,* cuja tradução literal seria 'Irmãos Mais Velhos'. Os sibs de onze a quinze (possivelmente com outros sibs na Colômbia) recebem o termo coletivo de *Tibahana,* isto é, 'Irmãos Mais Novos'. Os demais sibs, de dezesseis a vinte e cinco, são conhecidos por *Wiroa*

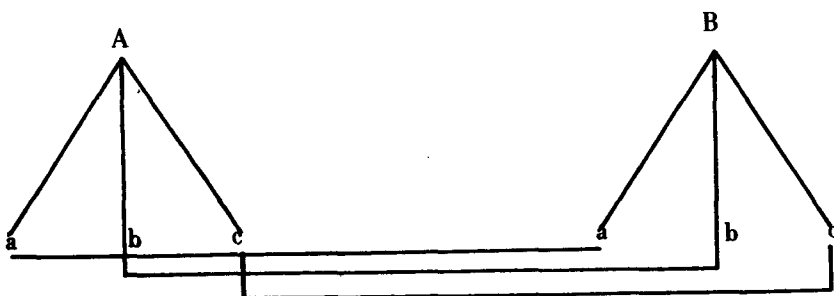
(que se refere ao pássaro *pipridae*) e considerados 'Criados'. Em termos da Classe de Geração, os *Wamisima* são classificados como Netos, os *Tibahana* como Tios e os *Wiroa* como Avós.

A maior parte da minha pesquisa de campo foi levada a efeito em duas aldeias Uanano vizinhas, Yapima e Soma. Todos os sibs de Yapima pertencem aos *Wamisima* (Irmãos Mais Velhos), enquanto que em Soma todos são *Wiroa*. Os habitantes de ambas as aldeias concordam que os sibs Yapima são "de Chefia", enquanto os de Soma são 'Criados', em virtude do precedente ancestral. Buoyero, o Irmão Mais Velho fundador dos *Wiroa*, é considerado como tendo sido criado de Muktiyero, o Irmão Mais Velho fundador dos *Wamisima*. O termo vocativo utilizado pelos residentes de Yapima para os de Soma é "vovô", independentemente de sib ou de idade relativa. Como vocativo, o termo "vovô" indica familiaridade e não é o mesmo que "avô", um termo de respeito. Concomitantemente, os residentes de Soma chamam os de Yapima de "netos".

Até recentemente, os *Wiroa* de Soma residiam em Yapima; de acordo com informantes, tanto dos grupos de Chefia como de Criados, eles desempenhavam serviços para os sibs de Chefia, tais como trabalho agrícola, construção de casas e manutenção de armadilhas de pesca. Em troca, recebiam uma percentagem de produção de peixe e o uso de terras Yapima para fazer suas próprias roças.

Há trinta anos atrás, os sibs Yapima convidaram os grupos *Wiroa* para se instalarem numa de suas cachoeiras rio abaixo onde havia uma grande armadilha de pesca que necessitava de um alto investimento de trabalho. Em troca da utilização de recursos e instrumentos de pesca dos Yapima, os sibs Soma fornecem-lhes peixe e serviços quando requestados. Em várias ocasiões tive a oportunidade de observar indivíduos Soma participando na construção de casas em Yapima.

Classe de Geração e Casamento. Como ficou demonstrado acima, as estruturas internas de cada um dos grupos lingüísticos é idêntica: cada um é composto de sibs hierarquizados do Primeiro ao Último e classificados de acordo com Classe de Geração.

O casamento só pode ocorrer entre sibs da mesma Classe de Geração e, naturalmente, entre grupos lingüísticos diferentes. Assim, os sibs Netos do grupo lingüístico A trocam mulheres com os sibs Netos do grupo lingüístico B, C, etc.

A, B = grupos lingüísticos exagâmicos
a, b, c = classes de geração

Devemos lembrar que os "termos de parentesco" só podem ser usados entre membros de grupos "irmãos", isto é, pertencendo à mesma Classe de Geração. Assim, a filha de um homem advindo do grupo lingüístico da mãe só pode ser considerada como filha do irmão da mãe, portanto, casável, se ela for da mesma Classe de Geração que a mãe e também do próprio ego, se seu pai casou de acordo com a regra. Se ela não for da mesma Classe de Geração, ela não é considerada como prima cruzada, mas como pertencente à Classe de Geração que se aplica a seu sib. Dentro deste espírito, presenciei jovens serem advertidos por flertarem com parceiros impróprios ou ouvirem que o objeto de suas intenções não era um (a) "primo(a) cruzado(a)" — embora o fosse pelo cálculo puramente genealógico — mas um(a) "Tio(a)" ou "Avô (ó)".

DISCUSSÃO

Quando comparamos os dados presentes com os de outras pesquisas da área do Uaupés, surge uma série de padrões importantes

Em primeiro lugar, os meus dados enfatizam hierarquia e laços horizontais que cortam a descendência, enquanto que trabalhos anteriores na área com casos da Colômbia, enfatizaram a descendência segmentária e princípios igualitários; são exceções os trabalhos recentes de Goldman e Hugh-Jones. Juntamente com o meu trabalho, esses dois sugerem uma explicação para as aparentes divergências.

Hugh-Jones (1979) apresenta um modelo no qual os grupos de descendência do Uaupés estão subdivididos em unidades locais de cinco sibs funcionalmente interdependentes, cada um desempenhando um papel especializado. A autora encontra sibs pertencendo a dois papéis (xamã e cantador) e postula, através de lembranças dos informantes, os "papéis ausentes de chefes, guerreiros e criados" (p. 54). Os Uanano fornecem evidência concreta para a existncia de sibs nas categorias nominadas de "chefe" e "criado", porém, sugerem um padrão de pares interdependentes localizados, em oposição a complementos locais de cinco.

Ainda mais recentemente, depois de retornar aos Cubeo com quem trabalhou entre os sibs de posição elevada, Goldman (1981) apresentou uma análise na qual ele enfatiza muito mais a hierarquia do que em seu trabalho anterior baseado em dados obtidos de grupos de posição mais baixa, ao ponto de, atualmente, caracterizar o sistema do Uaupés como uma "aristocracia hereditária elementar" (p. 1). O autor apresenta um tratamento sensível e penetrante das analogias simbólicas que sublinham a relação de Chefe e Criado ou, como ele mesmo descobriu, de Neto para Avô, como teria ocorrido num período anterior, hipotético.

Ambas essas reconstruções fornecem uma forte indicação para a existência de estruturas horizontais no Uaupés comparáveis, embora não idênticas, às organizações que pude observar na prática no Uaupés brasileiro. Sendo a distribuição espacial de grupos hierarquizados de tal maneira que os grupos mais altos estão rio abaixo e os mais baixos rio acima, o Uaupés brasileiro (isto é, rio abaixo) é ocupado pelos sibs de posição mais elevada e seus acompanhantes, os sibs de "Criados". A minha ênfase na hierarquia reflete, assim, a ênfase dada a ela pelo sib de Chefia com quem trabalhei. A falta de ênfase na hierarquia detectada nos trabalhos advindos do Uaupés colombiano (alto) poderia ser atribuída à ausência de grupos de posição elevada, em conformidade com o modelo conceitual de hierarquia e espaço do Uaupés; isto vem corroborar e, ao mesmo tempo, explicar os sibs "ausentes" de chefes e criados propostos por Hugh-Jones.

Parece provável que as estruturas hierárquicas serão preservadas onde estão em jogo privilégios relacionados à hierarquia. Além disso, os dados Uanano sugerem que os grupos de Chefia são corporativos em termos de terra e que os grupos de Criados, a eles associados, não têm terra.

CONCLUSÃO

No Uaupés, os conceitos de irmandade e de idade relativa superam os de descendência verdadeira e isto tem conseqüências estruturais significativas. A irmandade é o sentimento que une os grupos agnáticos em todos os níveis. A idade relativa é o conceito que os diferencia, de tal modo que todo indivíduo dentro de um sib e todo sib dentro de um grupo lingüístico está posicionado numa relação hierárquica fixa para com todos os outros. Através dos nomes, é reproduzida a ordem de idade relativa em cada geração sucessiva. O conceito de Classe de Geração demarca uma outra forma de relação, que se assemelha à irmandade por estar impregnada na linguagem de parentesco, mas se distingue desta por não denominar relações reais de parentesco. Assim como a distinção entre irmão mais velho e irmão mais novo serve para hierarquizar indivíduos e grupos no sistema de descendência, também a oposição Avô/Neto marca o *status* relativo (hierarquia) no sistema de Classe de Geração (embora neste sistema seja o termo mais novo que significa superioridade). Entretanto, o aspecto mais significativo do sistema de Classe de Geração é o modo como ele serve para estruturar relações *entre* grupos. Dentro do grupo lingüístico, o conceito de Classe de Geração une os sibs de posição mais alta com os de posição mais baixa numa relação de dominação/subordinação que pode tomar a forma, ao menos algumas vezes, de uso de terra em troca de serviços. Cortando os grupos lingüísticos, os sibs com o mesmo *status* de Classe de Geração estão emparelhados, como iguais, numa relação continuamente renovada pela troca de mulheres.

Comparação com os Sistemas Segmentários Clássicos. A base de diferenciação neste sistema está na ordenação em seqüência de agrupamentos de irmãos e não de cálculo genealógico de distância a partir de um ancestral relevante. As regras em termos de irmandade diferem das regras em termos de descendência, pois, no caso das últimas, cada nível está ligado aos adjacentes por ancestrais intermediários (o que não ocorre, necessariamente, no sistema do Uaupés). Sem descendência profunda ligando níveis hierárquicos, não ocorre ramificação com hierarquias em ordens de inclusão.

Neste sistema, o principal vínculo entre ancestral e descendente é dado por meio da troca de nomes, o qual impossibilita a persistência de genealogias. Estas não são simplesmente esquecidas; o que ocorre é que a reciclagem de nomes *elimina* a história genealógica e fornece um princípio estru-

tural alternativo que produz algumas implicações positivas. É através do sistema de nominação que são reproduzidas relações intrinsicamente assimétricas em cada geração sucessiva. A noção de descendência não é profunda e linear, mas cíclica e não pode ser identificada com a descendência construída em sistemas ramificados baseados em genealogias profundas. Um sib não é conceitualizado como uma cadeia de ancestrais distintivos; sua dinâmica é cíclica em vez de linear.

Além do mais, o fenômeno da oposição complementar, que é fundamental na definição das relações entre segmentos subsidiários nos sistemas ramificados, não pode ocorrer aqui porque as relações de irmandade são todas inerentemente hierárquicas; concomitantemente, não há duas subunidades que estejam na mesma distância em relação a um ancestral original.

Ao contrário, a diferenciação no sistema do Uaupés é criada da seguinte maneira: 1) escalonamento e peso através de idade relativa; 2) nominação de grupos por Classes de Geração; 3) definição de pares funcionalmente relacionados através da metáfora do parentesco.

Na medida em que o sistema é coerente, essa coerência se deve à: 1) força dos princípios de irmandade manifestos em sib e língua comuns; 2) interdependência funcional de suas unidades nominadas; 3) troca de mulheres dentro das Classes de Geração.

(Tradução de Alcida Rita Ramos)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHERNELA, Janet M. Uanano affinal terms. In: SIMPÓSIO DE ANTROPOLOGIA RUTH BENEDICT. New York, 15 de fev. 1982.

GOLDMAN, Irving. *The Cubeo; indians of the Northwest Amazon.* 2.ª ed. Urbana. University of Illinois Press, 1979.

————. Foundations of social hierarchy: a Northwest Amazon case. In: ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE NEW YORK, Seção Antropologia, 23 de fev. 1981.

HUGH-JONES, Christine. *From the Milk River; spatial and temporal processes in Northwest Amazonia.* Cambridge University Press, 1979.

JACKSON, Jean. Language identity of the colombian Vaupes indians. In: BAUMAN, R. & SHERZER, J. org. *Explorations in the ethnology of speaking*, 1974, p. 50-64.

————. Bara zero generation terminology and marriage. *Ethnology, 16* (1) : 83-104, 1977.

MURPHY, Robert F. Lineage and lineality in Lowland South America. In: MARGOLIS, M. & CARTER, W. E. org. *Brazil: anthropological perspectives; essays in honor of Charles Wagley.* New York, Columbia University Press, 1979, p. 217-24.